

3 - XII - 44

A Alimentação dos Operários

VINHA a pensar no assunto que deveria escolher para este domingo, quando se aproxima de mim, na rua, um rapaz fardado de legionário e que, há muito, não via.

— Desculpe, mas eu vinha despedir-me de si...

— Para onde vais? perguntei curioso.

— Para o Sanatório do Caramulo.

— O quê? Também estás tocado?

— Precisamente por isso é que não tenho aparecido. Há seis meses que ando em tratamento, mas a alimentação em tratamento, mas não tenho tido melhoras. Agora a Legião lá me arranhou o Caramulo. Espero curar-me.

Despedi-me do pobre rapaz com uma certa emoção.

— Que Deus te ajude. Tem confiança!

— Obrigado.

Nestas poucas palavras foi um mundo de tragédias e de idéias. Quantos são já, como este, na flor da idade, que me passaram pelas mãos, e que a tuberculose levou para o Além, ou que retém nos Hospitais e Sanatórios, deixando, às vezes, a família na miséria, miséria que é necessário socorrer, e que é tão difícil de poder socorrer!

Assunto para o artigo, infelizmente, já tenho, conclui.

A guerra na sua inevitável voragem, deixou as populações, por esse mundo além, sem o necessário alimento. As informações que de todos os países nos chegam são desoladoras neste aspecto. A tuberculose tem aumentado muito por toda a parte.

E em Portugal, país que não entrou na guerra?

Também cá as consequências da guerra e dos bloqueios se fizeram sentir. O racionamento tornou-se inevitável. A falta de matérias primas e a paralização de muitos negócios tem feito retrair a indústria e o comércio. A vida encareceu.

Consequência de tudo isto, deficiente alimentação de uma grande parte da população.

A situação está a ser encarada a sério pelo governo, segundo as notícias que os jornais nos trazem. Vão abrir-se sanatórios, multiplicar-se e adaptar-se hospitais, a Assistência entra, segundo parece, em rumos mais largos e decisivos.

Mas tudo isto que é óptimo, não chega. Os sanatórios são uma medida necessária e excelente, mas quem de ra que ficassem vazios! Para remediar o mal, é preciso atacá-lo nas suas origens. E essas são a deficiente alimentação dos trabalhadores.

Quem trabalha precisa de se alimentar e alimentar-se suficientemente. O regime de almoços frios, (para o Norte do país, chama-se jantar), comidos muitas vezes à porta da rua, na berma das estradas, ou em locais impróprios, sem higiene nem conforto de qualquer espécie, têm consequências desastrosas na saúde dos operários, mesmo que se coma com abundância. Mas quantas vezes essa abundância é só ilusória! Enche-se o estômago, mas não se dá ao organismo a alimentação de que ele precisa para manter o vigor e a saúde. Daí um menor rendimento do trabalho, o depauperamento da raça, o aumento dos casos de doença.

Foi, por isso, com imensa alegria que lemos neste mesmo jornal a entrevista que o Sub-Secretário das Corporações lhe concedeu e em que promete, entre outras coisas, a solução, tanto quanto possível rápida e completa da alimentação dos operários.

Sabemos que, em Lisboa, num esforço conjunto de todas as entidades interessadas, se pensa a sério no problema e que, em breve, estará ele a caminho daquela solução que lhe podem dar os poderes públicos. Mas não basta a melhor das boas vontades da Autoridade. Neste esforço, têm de colaborar todas as entidades patronais, não só por uma atitude de solidariedade social, mas até no seu próprio interesse, e por todo o país, que não só em Lisboa.

Que rendimento pode dar, com efeito, no trabalho, um organismo depauperado?

Lembra-me de uma conversa tida, há anos, com determinada pessoa, altamente colocada e que se queixava de que, agora, para o mesmo pedaço de terra, precisava de ocupar o dobro dos trabalhadores. Aventadas as várias hipóteses, essa personalidade não teve dificuldade em concluir que a falta de alimentação era a causa principal do fenómeno.

As entidades patronais podem, se quiserem, disse o senhor Sub-Secretário, ajudar a resolver este grande problema de interesse nacional. Basta, para isso, que junto de cada fábrica funcionem cantinas, restaurantes, ou coisa idêntica, que forneçam, a preço acessível ao salário do trabalhador, a alimentação de que ele precisa para ser robusto e saudável.

E' evidente que uma boa alimentação não resolve todo o problema das condições sanitárias do trabalho. Esta medida tem de ser acompanhada de outras medidas de mais largo alcance, que transformem os locais do trabalho, a ponto de os tornar higiénicos, decentes, educativos e agradáveis.

A verdadeira alegria no trabalho está aqui.

Se a fábrica não tem ar nem luz, o operário passa as suas oito horas de trabalho no meio da porcaria, dos detritos das matérias primas, do ruído ensurdecedor das

máquinas sem que uma réstea de sol lhe ilumine a fronte, que amor pode ter ele pela sua fábrica, que alegria pode ter no trabalho?

Escritórios sombrios e tristes, «ateliers» baffentos, oficinas acanhadas e sujas, fábricas desconfortáveis, tudo isso precisa de ser pouco a pouco modificado. Então o trabalho seria um cântico, o ruído da serra e da máquina teria a grandeza de uma orquestra, a fábrica entraria no coração dos trabalhadores.

A primeira grande medida social seria, porém, a da alimentação cuidada dos que trabalham. Rapidamente se poderá ela resolver. E já que o Governo, pela boca do Sub-Secretário das Corporações, lançou o apêlo a todas as boas vontades, é nosso dever secundar esse apêlo, para que os industriais comecem desde já a encarar o problema e a dar-lhe solução.

E' um grave erro esperar dos governos, sejam eles quais forem, o remédio para tudo. A sua função é mais a de estimular, orientar, auxiliar, do que realizar por ele próprio. Neste caso, o Governo poderá e deverá suprir as deficiências e as impossibilidades dos particulares. Não pode nem deve substituir-se a eles. A responsabilidade cai, portanto, sobre os detentores dos comandos da indústria.

Cada industrial, que resolva o problema da alimentação dos seus operários, auxilia, por isso mesmo, a resolvê-lo nacionalmente, prestando à Pátria um grande serviço, dando aos operários uma simpática melhoria de situação, e defendendo-se a si próprio.

Oxalá assim o compreendam.

ABEL VARZIM